

phrase, e eu não queria ouvir mais; até que me resolvi a queimar o folhetim e a publicar um periodico, no qual podesse dizer, sem auctorisação prévia, o que julgasse a respeito de qualquer assumpto debatido e não temesse offender as conveniencias de ninguem, cortando pelo podre de certas gloriosas lilliputianas do nosso Portugal.

Desde então para cá tenho escripto por minha conta e sob minha responsabilidade, mas que monta isso? a epocha vae para os remendões da imprensa commercial e noticiosa.

Eu, além do mau sestro de só dizer a verdade, tenho contra mim não a saber mascarar.

E eis talvez uma das razões por que o maior numero acolhe de braços abertos os coriphæus da litteratura barata.

A verdade! feia coisa!... e bem feia deve de ser para que muitos não a possam encarar senão com os trajes roçagantes da mentira.

Mas consolemo-nos que nem o mal é d'hoje nem é exclusivamente nosso.

Ha muito que Alphonse Karr escrevia o seguinte no primeiro numero da primeira serie das *Guêpes*, como querendo explicar o motivo da nova publicação numa cidade em que os periodicos se contavam por dezenas:

«Effectivamente, deve de parecer extraordinario ás pessoas que me conhecem por um homem preguiçoso e inconstante, que eu vá assim, de rosto alegre, dar-me á tarefa ingrata de crear uma publicação, quando está ahí todos os dias a apparecer, debaixo do ambicioso titulo de *orgãos da opinião publica* um tão avultado numero de folhas de papel em que me seria facil rabiscar o que tivesse a dizer aos meus contemporaneos.

«É preciso que tenha uma razão forte e insuperavel, e essa razão, eil-a:

«*É que não há um unico periodico em que se possam escrever vinte linhas, que seja isempto de asneira e de má fé.*»

Consolemo-nos, pois, por não sermos os unicos infecionados da lepra. Ainda mal, triste consolação!

Por agora não lhe direi mais, que já de mais é o que ahí fica, a respeito d'um assumpto repugnante e ascoroso como o aspecto d'uma chaga ou o contacto d'um bicho imundo; para outra vez lhe escreverei, mas sobre coisa diversa e menos de inspirar desalento aos que ainda têm fé num dia melhor para a litteratura da nossa terra.

Hoje havia de ser assim, por força. De mais, eu preveni o amigo, logo nas primeiras linhas, de que a sua carta me viera encontrar — de hoje.

Vê que não o enganei.

Seu afeiçoado

Porto, 6 de dezembro.

Urbano Loureiro.

## AMORES

Eu amo as morenas de negros cabellos,  
De perna nervosa, de pé andaluz;  
Eu amo as morenas, seus olhos tão bellos,  
Seus olhos ardentes de lubrica luz.

São bellas as brancas, são lírios nevados...  
Oh! palidas rosas, oh! louras huris!  
Aereos sorrisos nos labios corados...  
Sois lindas, ó fadas, mimosas, gentis!

E uns olhos castanhos num rosto fagueiro,  
E os verdes, os olhos que amava Garrett?  
Se acaso escolhesse qual punha primeiro?  
A branca? a morena? mais linda qual é?

Sou doido por todas, ó meigas donzellas,  
Eu amo-vos todas, ó vividas flores!  
Matae-me, formosas, ardentes estrellas,  
Matae-me na chamma dos vossos amores!...  
Guerra Junqueiro.

## EXPEDIENTE

Agradecemos a todos os periodicos, que se quizeram occupar de nós, as lisongeiras cortezanias, e benevolas expressões de incitamento, com que nos honraram a estrêa. Se a FOLHA conta escriptores de reputação firmada, tem outros cuja voz não lhes irrompe da larynge senão a esforços de sacatrapos.

Para os ultimos é que eram de necessidade louvores que animassem, e a imprensa foi prodiga d'elles.

Para os outros eram inuteis louvaminhas; o cavallo arabe não precisa de acicates.

A FOLHA é pretenciosa como uma rapariga bonita: gosta que a namorem, mas segundo o moderno estylo. O tempo dos embuçados, da guitarra mysteriosa, de escadas de seda, de raptos nocturnos, de navalhadas na sombra, foi-se.

Hoje namora-se á claras; na sala, na rua. É por isso que a FOLHA não acolherá anonyms, pois que detesta amantes embiocados.

O *Homem das divagações*, de Coimbra; e o *Frequentador da Moré*, do Porto, assim o tenham entendido.

O pagamento das assignaturas de fóra de Coimbra deve ser feito em vales do correio, dirigidos a J. d'O. Penha Fortuna, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra. Na falta d'elles, em estampilhas de 25 réis.

Responsavel — Bacharel Faustino Sarmiento

IMPRESA DA UNIVERSIDADE